



Prisioneiras das Incertezas: mulheres nos arredores do cárcere enquanto operadoras de mercado e cuidado

Thamires Luz Chikadze¹

Resumo

Em diálogo com as atuais pesquisas em prisão que compreendem a instituição como produtora de múltiplos circuitos nos posicionamos em uma localização geográfica: o extremo oeste paulista; a fim de descrever a movimentação de mulheres visitantes de prisões masculinas, incorporadas na categoria nativa *mulheres de presos*, desde a óptica da sociologia dos mercados no que traz de reflexão referente à economia do cuidado. Por outro lado, a atual economia política do fenômeno do encarceramento em massa dialoga com as premissas referentes aos mercados contestados, colocando em circuito objetos e relações passíveis de controvérsias morais. O argumento neste artigo, seguindo de perto Zelizer, é o de que o apelo ao cuidado opera o elemento que dá significado à circulação de mulheres e os bens que as acompanham nas dinâmicas de mercantilização nos arredores do cárcere.

Palavras-chave: encarceramento em massa, mulheres, economia, cuidado

Uma cena local de um circuito global

Lavinia-SP é o nome real de uma cidade localizada no alto de uma colina da região oeste do estado de São Paulo, que corresponde a uma segunda exploração de terras para a cafeicultura acompanhada da introdução da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, mais uma formação pornotrópica² (McClintock, 2010), que terminou “removendo cerca de 27.000 m³ de terra no km 365 da Estrada de Ferro (N.O.B.), estabelecendo assim, o marco definitivo da nova unidade administrativa” (Memorial dos Municípios 2021)³.

Nela, moramos entre os meses de janeiro a julho do ano de 2021, como pesquisadora e também filha e neta única da Família M. composta por Margarita, a filha mais velha, Maria e Mario seus pais (adotamos nomes fictícios)⁴. O plantio e comercialização do café como motor da economia da região ainda compõe um imaginário coletivo dos moradores mais antigos. A

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina e membra do Núcleo de Sociologia Econômica (NUSEC).

²Para Anne McClintock (2010, p. 46) o imperialismo mercantil europeu tinha como objeto uma dupla relação de poder e saber entre dois espaços de gênero: um significava a jornada de penetração masculina de terras virgens e outro uma tecnologia de conversão dos segredos da natureza (feminina) em ciência masculina.

³Disponível em: <<https://www.memorialdosmunicipios.com.br/lavinia>> Acesso em 06 de novembro de 2021.

⁴Trata-se, portanto, de uma pesquisa por proximidade que encontra em Gilberto Velho (1997) no *Observando o Familiar* seu ponto de partida reflexivo referente a questões metodológicas e epistêmicas.

produção de café é uma referência de progresso que não se concretizou. Hoje o trem ainda atravessa e divide a cidade carregando insumos agrícolas, mas o que nos surpreende são suas quatro prisões masculinas de regime fechado. Um dos motivos conhecidos para instalação de prisões no extremo oeste paulista trata-se do efeito censitário dado ao município (os presos somam mais de 50% da população), por presos serem contabilizados na categoria domicílio coletivo (Silvestre 2012; Godoi 2017; Lago 2019).

A Família M. não configura o grupo dos moradores estabelecidos⁵ e fazem parte dos novos empreendedores locais, pessoas que buscam oportunidades de mercado num complexo penitenciário marcado por um fluxo intenso e contínuo de pessoas, itens materiais, processos jurídicos e significados variados (Godoi 2017). Das pessoas que circulam por Lavínia destacamos mulheres e crianças, visitantes das prisões masculinas. Elas existem e mobilizam uma categoria nativa, as *mulheres de presos*⁶.

Como nos demonstraram pesquisas como as de Giani Silvestre (2012), Jacqueline Ferraz de Lima (2015), Natália Lago (2019)⁷, Thamires Luz e Marcia Mazon (2020) são mulheres que compõem os arredores do cárcere responsáveis pelos mantimentos mais básicos de sobrevivência dentro das prisões paulistas como sabonetes, itens de higiene da própria cela, uniformes novos, medicamentos e outros. Objetos que compõem um conhecido personagem, o *jumbo*, nome dado a uma grande sacola transparente – por imposição burocrática da prisão – com as quais as mulheres visitantes entravam na instituição punitiva carregadas de tudo o que fosse permitido levar aos familiares detidos.

Mulheres que atravessam as muralhas do cárcere também aparecem em pesquisas realizadas em outras partes do mundo; como no pioneiro estudo de Megan Comfort (2008) para o caso dos Estados Unidos, Gwenola Ricordeau (2019) na França e Vanina Ferreccio (2018) na Argentina onde movimentam significados que vão para além da perspectiva da reprodução e passam a produzir formas de resistência e de produção da vida, tanto dos presos quanto dos familiares que ficam.

⁵Norbert Elias e John Scotson (2000) publicam juntos um livro sobre uma pesquisa realizada numa pequena comunidade da Inglaterra onde encontram uma configuração de antigos e novos moradores que ao não se diferenciarem por questões de classe ou étnicas encontraram na categoria antiguidade (os mais antigos da cidade) uma forma de distinção.

⁶Ao longo deste texto inserimos passagens em itálico para destacar categorias nativas ou recortes das entrevistas, ou seja, pelo contexto datado da pesquisa de campo. Não destacaremos conceitos teóricos e os explicaremos por uma nota de rodapé no intuito de facilitar a leitura para aqueles que se instrumentalizam de categorias distintas das quais trabalhamos.

⁷

Pesquisas que analisaram o estado de São Paulo.

As mulheres visitantes de prisões masculinas encerram, portanto, um contraponto para aquilo que atuais pesquisas em prisão demonstraram como políticas de morte⁸. No interior do cárcere, portanto, persistem situações extremas de violação dos direitos humanos como tortura e espaços densamente insalubres com limitação ao acesso de água corrente e presença de ratos, ou seja, uma tangente favorável ao que se cunhou por necropolítica⁹ (Mbembe, 2020). No marco do *necro* poder vemos como a prisão contemporânea, parte do que Achille Mbembe (2020) chama de segunda modernidade, opera destinos; situando-se enquanto lugar de passagem de grupos periféricos naquilo que corrobora as atuais discussões referentes ao encarceramento em massa. Uma vez que prisão se torna lugar de destino e de passagem ela também se impõe enquanto território dos possíveis.

Olhamos para o evento contemporâneo de mulheres visitantes das prisões masculinas da região do extremo oeste paulista – onde nos situamos em Lavínia-SP como posto observatório – enquanto membro do Núcleo de Sociologia Econômica (NUSEC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) o que define os parâmetros teóricos utilizados em direção compreensiva de uma ontologia do nosso tempo presente¹⁰. Entre seu referencial teórico encontramos na autora Viviana Zelizer uma possibilidade de apreender modos de significado de uma economia que se move pelo trânsito dessas mulheres assim como elas fazem economia ao se moverem, numa tangente relacional entre economia e intimidade.

Zelizer (2011)¹¹ em seu primeiro trabalho se debruçou sobre significados distintos assumidos para a vida e para a morte num contexto de emergência dos mercados de seguros de vida nos Estados Unidos do século XIX. Nele, destacamos a forma como a autora percebe,

⁸Autores contemporâneos, sobretudo dedicados ao estudo da segurança pública no Brasil, chamam nossa atenção para toda uma tecnologia de Estado voltada a produzir vidas matáveis considerando o alto índice de pessoas negras e pobres que morrem no nosso país. Existe uma vasta literatura que agora utilizam o termo políticas de morte ressoando inclusive nos atuais debates dos movimentos pró direitos humanos fortemente presentes nos arredores do cárcere. Ver Fábio Mallart e Fábio Araújo (2021); Rafael Godoi e Fábio Mallart (2017) e Liliana Sanjurjo e Gabriel Feltran (2015).

⁹Existe um ponto de partida importante no ensaio de Achille Mbembe (2018) sobre a necropolítica, e este é a compreensão de soberania enquanto poder de decisão sobre quem vive e quem morre resumida na noção de biopolítica do Michel Foucault e daí desenvolve o que deveríamos acrescentar para a leitura de nossa contemporaneidade, sobretudo, em contextos de países periféricos. O autor se concentra naquilo que a soberania dispôs de tecnologias de morte como a escravidão e a colonização. O que destacamos da obra pode parecer um tanto simplório, mas muito nos guia na reflexão que nos propomos neste texto; seu conselho para que tomemos certa distância da preocupação pela categoria filosófica moderna de razão e passemos a nos interessar pelas concepções referentes à vida e morte.

¹⁰Lugar de onde finalizamos uma dissertação de mestrado no ano de 2019 e demos continuidade com o doutorado para ser acabado em março de 2023.

¹¹Na construção deste artigo utilizamos um livro publicado pela autora em que revisita toda sua obra sob o título “Economics lives: how culture shapes the economy”, publicado pela Princeton University Press, no ano de 2011. O trabalho da autora específico sobre a sociogênese dos seguros de vida compôs sua tese de doutorado e foi publicado no ano de 1979 com o livro *Morals and Markets*.

através de uma análise de documentos históricos, compreensões cambiantes da morte até adquirir um significado coerente à sua precificação. De certa forma não foi o preço que se impôs de maneira intransitiva e sim todo um desenvolvimento cultural, religioso e material que foi tirando a relação de precificação da vida de uma áurea profana para que sua sacralização fosse possível. O que nos demonstra como questões que antes parecessem incompatíveis com as relações de mercado acabassem se acomodando neste próprio mercado¹².

Aqui nos situamos em um conceito-chave para todo esse referencial teórico – do qual Zelizer forma parte – da sociologia econômica: o mercado. Conceito ao qual nos contentamos, por hora dizer, que se trata de uma construção social, cultural e histórica.

Mais adiante de sua trajetória acadêmica Zelizer (2011)¹³ adentra o espaço da economia doméstica e nos demonstra como o dinheiro adota diferentes significados conforme distinções de classe social e gênero. Ela encontra formas de marcação do dinheiro para diferentes usos, aquele que é destinado aos filhos, à compra de artigos considerados “femininos” como roupas ou meias, compras de bens necessários como alimentos ou presentes. Nesta obra a autora demonstra produções curiosas de dinheiros (em plural) como o *Pin Money* quantias encontradas pelas esposas nos bolsos das calças de seus maridos; também discute o fato das mulheres da classe operária serem as responsáveis pelo salário de seus maridos que em caso contrário gastariam tudo no bar. Acreditamos no ponto alto desta obra da autora por demonstrar como o dinheiro não pode continuar sendo tratado como impessoal, universal e racional.

Ao nos apropriar deste movimento, o de entrar na produção doméstica de dinheiros, acreditamos promissor o atual debate empreendido por Nadya Guimarães e Helena Hirata condensado no livro *O gênero do cuidado* publicado no ano de 2020. Através dele situamos nossa atual pesquisa de doutorado numa linha de discussão da economia do cuidado tomando como contexto empírico o circuito de mulheres visitantes de prisões masculinas da cidade de Lavínia, adotando enquanto significado de cuidado a ação social de “cuidar” conforme nos explica as autoras:

¹²Quando contrastamos o trabalho da Zelizer (2011) com o necro poder de Mbembe (2018) encontramos a recusa de um ponto de partida fundamentado numa história única, a da sociedade moderna ocidental onde talvez faça sentido a divisão entre um mundo sagrado da vida humana que não possa ser precificado e assim profanado. Porém com as pesquisas em prisão que citamos anteriormente vemos como se juntam nos arredores do cárcere uma porção massificada de “vidas matáveis” (Mallart e Godoi, 2017) que atravessa a instituição punitiva e passa por territórios periféricos da grande São Paulo assim como municípios interioranos como o caso de Lavínia aqui explanado.

¹³Aqui utilizamos o livro em castellano “El significado social del dinero”, publicado pela Fondo de Cultura Económica em 2011. A primeira publicação se deu no ano de 1994.

No Brasil e nos países de língua espanhola, a palavra “cuidado” é usada para designar a atitude; mas é o verbo cuidar, designando a ação, que parece traduzir melhor a palavra *care*. Assim, se é certo que “cuidado”, ou “atividade do cuidado”, ou mesmo “ocupações relacionadas ao cuidado”, como substantivos, foram introduzidos na língua corrente, as noções de “cuidar” ou de “tomar conta” têm vários significados, sendo expressões de uso cotidiano. Elas designam, no Brasil, um espectro de ações plenas de significado nativo, longa e amplamente difundidas, muito embora difusas no seu significado prático. O “cuidar da casa” (ou “tomar conta da casa”), assim como “cuidar das crianças” (ou “tomar conta das crianças), ou até mesmo o “cuidar do marido” ou “dos pais” têm sido tarefas exercidas por agentes subalternos e femininos, as quais (talvez por isso mesmo) no léxico brasileiro têm estado associadas com a submissão, seja dos escravos (inicialmente), seja das mulheres, brancas ou negras (posteriormente). (Guimarães e Hirata 2020: 30-31)

Nadya Guimarães e Helena Hirata (2020) se aprofundam no estudo de profissões destinadas a cuidar e sua entrada e desenvolvimento no mercado de trabalho, por outro lado, neste texto destacamos como um determinado circuito de reprodução e produção da vida também inaugura nichos de consumo.

O “turismo penitenciário” entre dois períodos distintos e distintivos

Quando realizamos nossa pesquisa de mestrado acompanhando a rotina da Pousada Sabiá, localizada em Lavínia-SP e pela qual a mãe da pesquisadora era responsável, acompanhamos (trabalho de campo ocorrido entre os anos de 2017 e 2018) o momento de fluxo intenso de mulheres visitantes das três prisões masculinas da cidade assim como de outras três presentes em dois municípios vizinhos. Período de alto desenvolvimento mercantil da pousada com rentabilidade semanal de aproximadamente \$2.000 reais (Luz 2019; Luz e Mazon 2020). Deste estudo destacamos a categoria nativa *turismo penitenciário* e a inflação dos preços do comércio local de Lavínia-SP durante os finais de semana quando aconteciam as visitas aos presídios, dados constatados através das notas fiscais que cada hóspede da pousada nos apresentava após fazer suas compras na cidade¹⁴.

Para a tese de doutorado realizamos durante os meses de janeiro a julho de 2021 o que denominamos de Campo 1¹⁵, e tivemos oportunidade de analisar o acervo de um jornal regional onde comprovamos o uso estratégico das prisões como sinônimo de desenvolvimento

¹⁴Ver Luz e Mazon (2020) para mais detalhes desta configuração do turismo penitenciário.

¹⁵Temos como projeto futuro a realização de um Campo II para março de 2022 focado na realização de mais entrevistas com as mulheres visitantes das prisões locais, aquelas que conhecemos durante o período do mestrado e do Campo I.

econômico. Entretanto, o termo turismo não aparece na mídia local como apareceu na linguagem cotidiana dos moradores de Lavínia-SP, mas, observamos nas notícias da seção de economia deste jornal local uma iniciativa turística iniciada nos anos 2000 quando a indústria do álcool vinha perdendo fôlego. A região oeste dispõe das nascentes do Rio Tietê, atrativo para a pesca e casas de descanso conhecidas como *rancho* construídas em suas margens. A grosso modo, o turismo foi se apresentando como possibilidade econômica para uma região de agronegócio em crise.

Durante o período do Campo I acompanhamos dois momentos distintos desta configuração local, de uma cidade que conhecíamos por aguardar os finais de semana para funcionar (dias em que as visitas aos presídios eram permitidas). Tivemos um período de retorno das visitantes à cidade depois da proibição das visitas como medida de precaução da pandemia de covid-19, momento que durou pouco, até princípios de março de 2021; logo, passamos por um segundo período de *lockdown* por conta do aumento no número de casos e mortes em todo o estado de São Paulo.

Dessa forma, no Campo I (janeiro a julho de 2021) tivemos oportunidade de nos dedicar a dois trabalhos distintivos, o primeiro foi o acompanhamento do dia a dia na Pousada Mandacaru, onde tivemos oportunidade de realizar três entrevistas em profundidade com mulheres que ali se hospedavam; e um segundo trabalho, realizado com moradores da cidade através de entrevistas em profundidade no intuito de compor uma economia política do oeste paulista que possibilitou a vinda das penitenciárias. O segundo *lockdown* do estado de São Paulo e a proibição das visitas às prisões acabou favorecendo nosso trabalho com os moradores locais e mais antigos da cidade, os quais, não viam a pesquisadora em companhia das *mulheres de presos*, demonstrando-nos que o estigma persiste após um ano finalizada nossa dissertação de mestrado.

Para a construção deste texto, portanto, nos concentramos nas relações estabelecidas na Pousada Mandacaru acompanhada de três entrevistas com *mulheres de presos*, assim que passamos para a apresentação de nossas visitantes de prisões masculinas em Lavínia-SP. Na nossa escolha dos nomes fictícios com os quais tratamos as interlocutoras escolhemos nomes de flores por conta de uma das experiências que tivemos em campo em contraste com leituras sobre o tema. Na tese do Fábio Mallart (2019) somos guiados pelo sentido do cheiro enquanto impressão densa da insalubridade e mal-estar do que o autor denomina de subterrâneos do cárcere; ao contrário, na Pousada Mandacaru o ritual do banho e do uso descomedido de perfumes quando as mulheres partiam rumo às visitas nas prisões nos chamou atenção, como

se quisessem levar para o interior das muralhas um cheiro do que é, por elas, considerado feminino.

A mãe Rosa

Me lembro quando Camomila (nome fictício) me contava que para a Mãe Rosa seu filho não tinha feito nada, quando me dizia que “para elas eles são sempre uns santos”. Mãe Rosa era uma mulher comunicativa, sempre presente na varanda e na cozinha da Pousada Mandacaru conversando com todas as demais mulheres. Se interessava pelas novatas e quando me viu ainda sem saber que era a filha da *tia* me perguntou quem era; após saber comentou: “*com razão logo pensei que você não tinha cara de mulher de preso*”. Este corpo que não é reconhecido como sendo uma a mais entre elas não é facilmente explicável por diferenças físicas dado que em outro momento meu corpo também foi reconhecido como “*o sonho de qualquer preso*” por conta de um quadril volumoso, cintura fina e pele morena, definições que se traduzem no arquétipo da mulata. Porém, havia algo do meu corpo que mesmo sendo reconhecido como mulata não fazia dele uma representação daquele mundo das *mulheres de presos* e talvez compreender este fato perpassasse nossas discussões referentes ao *habitus*, aquele saber decodificado em ações práticas. Enquanto mulata acadêmica experimentava com elas uma relação contraditória, às vezes próxima e outras vezes distante¹⁶.

Temos de início um grupo de opostos dentro das mulheres nos arredores do cárcere igualmente identificado na tese de Natália Lago (2019), por um lado mães e do outro esposas, companheiras, amantes e namoradas. As mães configuram parte significativa da resistência às mazelas das prisões como aparece no contexto do ativismo prisional em Lago (2019). Dessa forma a relação de mães com seus filhos detidos adota significados distintos referentes ao cuidar e aos investimentos colocados neste cuidado que na prática as diferencia das esposas, amantes e namoradas. Mãe Rosa esclarece essa distinção em entrevista ao dizer que *mãe é uma só e mulher, se não der certo, arruma outra*.

Mãe Rosa é nascida e criada na capital paulistana, tem 58 anos e há 38 trabalha como diarista para a mesma pessoa. Ela se lembra com exatidão o tempo em que visita o filho mais novo, preso injustamente segundo ela, fazem quatro anos e sete meses que seu corpo atravessa e é atravessado pela prisão. Quando ela nos conta sobre sua origem familiar se refere à perda dos pais quando teve que ficar responsável pelos irmãos e como justificativa utiliza a categoria

¹⁶Registro produzido a partir de pesquisa de campo, realizada em 20 de fevereiro de 2021. Claro que com revisões para que fosse transformado em texto. Enquanto aos requisitos de análise do caderno de campo e das transcrições das entrevistas nos guiamos pelo livro de Stéphanie Beaud e Florence Weber (2014).

idade e gênero: *continuei a vida pelos meus irmãos que precisam de mim por ser a irmã mais velha*¹⁷. Dessa forma, Mãe Rosa cuida da casa de sua patroa, dos irmãos e ainda do filho preso. O que talvez pudéssemos chamar de tripla jornada do cuidado.

Atualmente apenas Rosa visita o filho e quando questionada sobre a possibilidade dos demais membros da família visitarem o motivo perpassa questões de cunho econômico.

Então, agora só eu, mas até ano retrasado era eu, o meu marido, minha filha e meu filho, e pelas situações financeira foi ficando mais difícil porque se a gente vinha de carro tinha gasto e não é só a gasolina, o pedágio; tem alimentação. Eu gastava mais de \$1.500 reais quando vinha nós todos de carro. (Mãe Rosa, 20 de fevereiro de 2021).

Existe uma dimensão do orçamento familiar destinado a atender as necessidades do filho detido, porém em matéria de eleição, de quem deve cuidar quando o dinheiro diminui, continua sendo prioridade da mulher, a mãe neste caso. Em momentos de bonança econômica vimos como o cuidado para com o familiar detido era compartilhado entre os demais membros de sua família, inclusive encontravam momentos de distração diante do sofrimento do motivo da viagem.

Em Oswaldo (outro município interiorano com prisões) a gente fazia assim: visitava eu e minha filha no sábado e meu filho e meu marido ia pescar e no domingo meu marido e meu filho visitava e eu e minha filha ia passear. A gente sempre tentou, já que é uma visita tão difícil a gente tenta aproveitar alguma coisa. (Mãe Rosa, 20 de fevereiro de 2021).

Quando conversamos a respeito de seus principais gastos percebemos que existe toda uma gestão mensal que inclui a prisão do filho, como a viagem para visitá-lo, o envio de um Sedex a cada 15 dias e o pecúlio, dinheiro que ele pode utilizar dentro da instituição. Outro elemento importante: é o quanto a distância de Lavínia em relação a São Paulo ameaça vínculos familiares, ao aumentar os gastos da visita diminuem as possibilidades de encontro da família.

Dona Girassol

Quando ainda conversávamos com Mãe Rosa embaixo do limoeiro da Pousada Mandacaru, Dona Girassol aproximou-se com uma latinha de cerveja na mão e curiosa pela cena; de pronto aceitou conversar com a gente após finalizada a entrevista com Rosa. Enérgica,

¹⁷Entrevista realizada no dia 20 de fevereiro de 2021.

ativa, caminha a cidade inteira e não para quieta. Só que não é muito de conversa na pousada, ela prefere é sair pela cidade. Nos mostrava uma sacola dizendo que: *existe uma bala de morango que só encontra em Lavínia*, aproveitou e pegou umas cocadas também e tudo já seria colocado na segunda-feira para ser enviado pelo Sedex para o filho. Ela tinha ido ao banco tirar dinheiro porque na viagem de retorno a casa pegaria um trem na Barra Funda para chegar no aniversário de uma amiga, se preparou porque conforme nos disse *fiquei com medo de ficar sem dinheiro para pagar o trem*.

Dona Girassol é de Osasco e completou 53 anos no mês de abril, tem 4 filhos e 9 netos, trabalha como empregada doméstica e não aceita *serviço de final de semana*, dias em que visita o filho preso desde 2011.

Dos 10 anos de Dona Girassol visitando o filho preso levava dois anos vindo a Lavínia-SP. Algo de seu relato que coincide com o de Mãe Rosa assim como aparece em pesquisas como as de Rafael Godoi (2017) refere-se à alta rotatividade dos presos por todo estado de São Paulo passando por muitas cidades interioranas que receberam penitenciárias¹⁸, circuito que afeta diretamente a vida dessas mulheres visitantes das prisões masculinas que terminam se movimentando, também. Experimentamos em pesquisa de campo algumas ocasiões de mulheres que chegaram na Pousada Mandacaru, foram visitar na madrugada do sábado ou domingo, e ficaram sabendo que seus familiares não estavam mais naquela prisão, o que na linguagem do cárcere é dito como *ir de bonde* (Luz, 2019). Nesse momento torna-se evidente a trajetória incerta na hora de realizar uma viagem para a visita de um familiar detido que pode não estar por lá.

Eu sou sozinha pra cuidar dele, mas também não abandono meu filho é nunca! Das questões levantadas por Dona Girassol em nossa conversa ressaltamos dois fatos ocorridos em sua trajetória de *cadeia*¹⁹. O primeiro deles se refere ao não abandono do filho preso em como vai moldando sua experiência com o mundo fora da prisão. Quando nos conta que em seus 10 para 11 anos nesta vida no circuito das prisões deixou de ter finais de semana, disse:

Não vou mais pra festa, já perdi vários empregos. Eu já arrumei vários empregos mas é sábado e tem que trabalhar, eu não fico! Eu não deixaria o meu filho. Agora eu arrumei esse daí que é de segunda a sexta; mas aí no

¹⁸Na linguagem compartilhada entre pessoas que se movimentam pelos arredores do cárcere, os municípios mais distantes da capital paulistana são reconhecidos como fundão.

¹⁹Cadeia é uma palavra utilizada pelas mulheres visitantes de prisões masculinas em sentido mais genérico como se referindo aos aspectos de aprendizado dos códigos exigidos por aquele mundo. Elas reconhecem a diferença entre os mundos, da cadeia por onde passam e depois outro mundo onde trabalham e de certa forma tentam distanciar os demais membros de sua família.

normal o meu filho trabalha também e me ajuda, daí eu pego a minha pensão compro as coisas do meu filho (se referindo ao *jumbo*) e venho embora. Perdi várias festas, vários casamentos. Meu filho fala vai lá *veinha* se divertir e eu falo não vou deixar você pedalando aqui nessa cadeia. *Meu filho é em primeiro lugar!* (Dona Girassol, 20 de fevereiro de 2021)

Observamos na narrativa de Dona Girassol assim como em relatos em pesquisa de campo na varanda da Pousada Mandacaru o desmembramento de toda uma rede de relações do mundo fora da prisão por conta de suas viagens durante os finais de semana, justamente sendo estes, os sábados e domingos, momentos da semana em que se atualizam redes de sociabilidade através das festas, casamentos ou aniversários. Concordando com Godoi (2017) e Lago (2019) que as prisões inauguram um circuito paralelo na vida das pessoas e à parte.

O segundo momento da narrativa de Dona Girassol que queremos destacar trata-se das situações de enquadramento pelos policiais da cidade de Lavínia-SP. No momento em que estávamos em Campo 1, acompanhamos a preocupação das mulheres hospedadas na Pousada Mandacaru, referente a um casal de policiais que eram muito duros com as mulheres visitantes que eram constantemente enquadradas na rua.

Eu tava trabalhando em um bar e fazia 6 dias de faxina, só que é bar, aí eu peguei um dinheiro pra vir viajar só que o dinheiro era falso e eu não sabia. Daí eu vim aqui comprar umas coisinhas no bar do japonês e comprei normal, o homem foi me deu o troco tudo certinho aí eu entrei no mercado pra comprar o restante que faltava que não tinha na lojinha. Eu acabei de sair do mercado a policia me parou falou que eu estava com dinheiro falso me levou para a delegacia daí brecou minha visita e eu fiquei nove meses sem ver meu filho. (Dona girassol, 20 de fevereiro de 2021)

A vigilância policial aumenta nitidamente no município de Lavínia durante os finais de semana quando as mulheres visitantes são constantemente abordadas e seus celulares revistados. Percebemos que um dos itens mais buscados que drogas, são os *pipas*, pequenos pedaços de papel escrito em caneta que saem das prisões com informações das mais diversas. Margarita, a dona da Pousada Mandacaru tem muitos relatos sobre *pipas*, de como os escondia no caminho de volta da prisão em sua bolsa como garantia de que *suas meninas* não fossem revistadas. Dificilmente um morador local de Lavínia será abordado pela polícia na rua, ao contrário das visitantes.

Azaleia

Foi com ela que o chinelo da pesquisadora entrou na prisão de Lavínia-SP. Azaleia estava desesperada porque seu chinelo de dedo estava muito velho para entrar na prisão e visitar seu marido; fomos nas lojas da cidade à procura de um chinelo novo, porém os estoques do comércio local estavam esgotados e esperando a chegada de novos produtos, quando a pesquisadora oferece seu chinelo. Recebeu uma resposta de espontânea alegria, o que deixou Azaleia aliviada para prosseguir com os cuidados de seu cabelo, o que lhe tomaria demasiado tempo. O cabelo de Azaleia estava recém trançado, mas quando chegou na Pousada Mandacaru as demais mulheres mencionou que com as tranças ela seria barrada na prisão, por isso teve que desfazê-las e a pesquisadora chegou a ir até a casa da Família M. em busca de tesouras maiores.

Azaleia é paulistana, perdeu os pais quando tinha 22 anos de idade. Ela tem 4 filhos, dois meninos e duas meninas, trabalha como auxiliar de limpeza. Visita seu esposo em uma das penitenciárias de Lavínia-SP, preso faz 4 anos e nos relata essa dificuldade de conciliar os dias de visita com seu trabalho porque acaba faltando algumas sextas-feiras tendo o valor descontado no seu salário. A empresa acaba descontando três dias de trabalho porque contam também sábados e domingos que ela não trabalha.

Do meu lado profissional abalou muito (se referindo à prisão do marido). E do pessoal também, assim em nenhum momento eu fui coagida para fazer a visita, ele sempre me respeitou muito só que é assim nós estamos na chuva pra se molhar, daí na sexta-feira eu falto (do trabalho), compro as coisas para os meus filhos e a irmã deles cuida dos meus filhos. (Azaleia, 20 de fevereiro de 2021)

Percebemos no fragmento acima que na ausência da mulher que visita uma prisão masculina se encontra uma outra mulher cuidando dos que ficam.

Existe uma contradição persistente no fato de que a viagem das mulheres seja destinada para a realização de uma visita numa prisão, ao mesmo tempo em que elas também são visitantes de uma cidade. Há nesses momentos em que mulheres são destinadas a desenvolver suas obrigações de cuidado espaços de criação de descanso para si próprias, como lacunas que podem ser ocupadas por elas mesmas numa espécie de brecha no tempo em que estariam pensando e realizando tarefas para outros.

Querendo ou não torna-se um passeio. Eu venho de uma cidade como São Paulo onde a gente mal tem tempo de parar pra comer. Mas assim o local, a paz, o silêncio, assim nada de moto, nada de carro, só a paz assim dos

passarinhos, os verdes, eu já saio, eu venho muitas vezes pesada e saio aliviada. (Azaleia, 20 de fevereiro de 2021)

Das nossas três interlocutoras destacamos uma semelhança, todas são trabalhadoras do setor da limpeza. Elas, portanto, precisam combinar trabalho e viagem para a realização das visitas. Outra semelhança é a presença da palavra Deus em suas narrativas, uma força necessária para passar pelas situações com as que se depararam nessa *vida de cadeia*.

Na minha primeira visita eu tinha impressão de que estava entrando num calabouço. Eu entrei mal e sai pior. Eu digo por mim, mas entrar numa prisão é humilhante. É uma opção, eu escolhi porque eu amo ele. (Azaleia, 20 de fevereiro de 2021)

Considerações iniciais

O texto apresentado foi pensado para a participação neste evento, a VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, enquanto socióloga que gosta e deseja continuar fazendo boas etnografias, entanto cheia de dúvidas a respeito de sua posição no campo profissional, por conta, de sua subjetividade múltipla. Ter realizado uma pesquisa de campo em ambiente familiar trouxe à superfície debilidades até então camufladas pelas correções institucionais, colocando-nos num embate cego de desencontro entre o desejado versus esperado. Dessa forma, nos posicionamos diante de uma discussão necessária referente aos métodos em contextos variados assim como novas possibilidades de escrita, e gostaríamos que este texto fosse lido mais no sentido de uma inquietação do que das certezas prontas. Entretanto, foi justamente a proximidade familiar da pesquisadora que nos possibilitou um trabalho de campo em plena pandemia de Covid-19.

Por outro lado, temos esse objeto próximo e distante ao mesmo tempo, as mulheres visitantes das prisões masculinas, e toda sua potencialidade heurística por condensar – assim como a prisão o faz – várias das desigualdades de classe, gênero e raça. Encontramos justamente nesta ação de cuidar um circuito de mulheres que compõem os arredores do cárcere em movimento de produção e reprodução da vida. A vida se coloca para interpelar a morte característica no interior das prisões assim como nas periferias urbanas. Dialogamos com pesquisas no âmbito da segurança que tratam da instituição punitiva como parte de um *continuum* entre o dentro e o fora de suas muralhas, edificando territorialidades de reprodução da violência assim como formas variadas de resistência.

Observamos em pesquisa de campo e nas narrativas de nossas três interlocutoras maneiras de acomodar esse cuidar de um familiar detido em seus orçamentos domésticos que vai para além do *jumbo* e passam por decisões referentes ao trabalho escolhido, às relações sociais interrompidas, ao Sedex de cada 15 dias ou ao pecúlio mensal; ou seja, toda uma predisposição de organização financeira em que a prisão do filho ou do marido precisa ser incluída.

Ainda, devemos considerar que estamos diante de um fluxo de pessoas e matérias em constante crescimento por conta do atual fenômeno do encarceramento em massa que transformou prisões em lugar de destino e passagem como também de sinônimo de desenvolvimento econômico. Nos situamos no Brasil, o terceiro país do mundo que mais encarcera pessoas. E como nos lembra Dona Girassol *you were imprisoned because everything now is prison, prison and prison*. Foram assim presas na mesma incerteza.

Nossas três interlocutoras coincidem numa resposta que envolve economia e cuidado, quando as questioneei se conseguiram economizar dinheiro na pandemia por não terem que realizar a viagem a resposta apesar de afirmativa era acompanhada de *eu preferia estar gastando* (Dona Girassol), *because I don't have to but in the video call he managed to see the others* (Mãe Rosa), *what I want for myself is to live on the street with him, I visit him because I love him and my dream is to get married to him in a wedding dress* (Azaleia). Elas levam para dentro da prisão uma perspectiva do tempo futuro não através das premissas econômicas da poupança ou do lucro e sim desde uma perspectiva do cuidado da reprodução e produção de uma vida em conjunto.

Referências

- BEAUD, Stéphane e WEBER, Florence. 2014. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- COMFORT, Megan. 2008. *Doing time together: love and family in the shadow of the prison*. University of Chicago Press.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FERRECCIO, Vanina. 2018. “El otro encarcelamiento femenino: la experiencia carcelaria de las mujeres familiares de detenidos”. *Revista Crítica Penal y Poder*, n. 15, p.43-70.

GODOI, Rafael. 2017. *Fluxos em cadeia: as prisões em São Paulo na virada dos tempos*. São Paulo: Boitempo.

GUIMARÃES, Nadya e HIRATA, Helena. 2020. *O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2020.

LAGO, Natália. 2019. *Jornadas de visita e de luta: tensões, relações e movimentos de familiares nos arredores da prisão*. São Paulo, Tese de Doutorado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

LIMA, Jacqueline Ferraz de. 2015. *Mulher fiel: etnografia do amor nas prisões do PCC*. São Paulo: Alameda.

LUZ, Thamires. 2019. “*Turismo penitenciário*”: economia e prisão na consolidação de uma prática de mercado. Dissertação de Mestrado em Sociologia Política. Departamento de Sociologia e Ciência Política. Universidade Federal de Santa Catarina.

LUZ, Thamires e MAZON, Marcia. 2020. “Turismo Penitenciário e Arranjos Institucionais de Mercado”. *Revista TOMO*, 37.

MALLART, Fábio. 2019. *Findas linhas: circulações e confinamentos pelos subterrâneos de São Paulo*. Tese de Doutorado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

MALLART, Fábio e GODOI, Rafael. 2017. “Vidas matáveis, morte em vida e morte de fato”. *Jornal Le Monde Diplomatique Brasil*, edição 100, 2 de outubro de 2017. Disponível <<https://diplomatique.org.br/vidas-mataveis-morte-em-vida-e-morte-de-fato/>> Acesso em 11 de novembro de 2021.

MALLART, Fábio e ARAÚJO, Fábio. 2021. “Uma rua na favela e uma janela na cela: precariedades, doenças e mortes dentro e fora dos muros”. *Revista Sociedade e Estado*, volume 36, número 1, janeiro-abril.

MBEMBE, Achille. 2020. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 Edições.

MCCLINTOCK, Anne. 2010. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

RICORDEAU, Gwenola. 2019. *Pour elles toutes: femmes contre la prison*. Montréal: Lettres libre.

SILVESTRE, Giani. 2012. *Dias de visita: uma sociologia da punição e das prisões*. São Paulo: Alameda.

SANJURJO, Liliana e FELTRAN, Gabriel. 2015. “Sobre lutos e lutas: violência de estado, humanidade e morte em dois contextos etnográficos”. *Revista Ciência e Cultura*, vol. 67, no. 2, São Paulo, apr-jun.

VELHO, Gilberto. 1997. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.

ZELIZER, Viviana. 2011. *Economic lives: how culture shapes the economy*. New Jersey: Princeton University Press.

ZELIZER, Viviana. 2011. *El significado social del dinero*. Buenos Aires: Fondo de cultura Económica.